

## **Linguagem inclusiva Modismo ou mudança necessária?**

Você já ouviu alguém dizer “todxs”, “todes” ou usar o “@” para se referir a um grupo misto de pessoas? Talvez tenha achado estranho no começo. Muita gente ainda se pergunta: isso é só uma moda da internet ou tem algo mais por trás?

A verdade é que linguagem inclusiva não é apenas uma questão de estilo. É uma forma de reconhecer que nem todo mundo se sente representado quando falamos apenas “os alunos”, “os colaboradores” ou “os clientes”. Isso pode parecer pequeno, mas faz uma grande diferença no dia a dia de quem nunca se vê incluído nessas palavras.

### **Afinal, o que é linguagem neutra?**

Linguagem neutra é uma forma de comunicação que busca não marcar o gênero das palavras quando isso não é necessário. O objetivo é incluir todas as identidades de gênero, especialmente pessoas que não se identificam como exclusivamente do gênero masculino ou feminino.

Essas pessoas sempre existiram. A diferença é que hoje, com mais informação, respeito e acolhimento, elas têm um pouco mais de espaço para serem quem são e dizer isso em voz alta. A linguagem neutra não cria novas identidades, mas ajuda a reconhecê-las.

### **Por que isso importa?**

A língua é viva. Ela muda, se adapta e evolui com a sociedade. Hoje entendemos que nem todo mundo se encaixa nas categorias de “homem” ou “mulher” e que o uso do masculino como padrão pode invisibilizar uma parte importante da população.

Usar uma linguagem mais neutra e cuidadosa é uma forma de dizer: “Eu vejo você. Você existe. Você faz parte.”

### **E na prática, como isso se reflete?**

Ani, por exemplo, é uma pessoa não binária e com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Para ela, ser reconhecida pelo nome e pelos pronomes corretos é mais do que uma formalidade: é um alívio. “Quando alguém me chama pelo pronome certo, eu me sinto segura, respeitada. É como se dissessem: ‘tudo bem ser você’”, conta.

Pequenos gestos de inclusão, como adaptar a linguagem ou perguntar “como você prefere ser chamada?”, fazem uma enorme diferença para pessoas como

Ani e para tantas outras que sempre estiveram por perto, mas que só agora começam a ser realmente vistas.

### **Mas é obrigatório mudar?**

Não se trata de proibir palavras ou impor regras novas. A ideia é refletir sobre como falamos e escrevemos e fazer escolhas mais conscientes.

Em vez de “os funcionários”, podemos dizer “as pessoas da equipe”.

Em vez de “os alunos”, que tal “o grupo de estudantes”?

São mudanças simples, mas que tornam a comunicação mais respeitosa, mais ampla e mais humana.

### **Então... é só moda?**

Não. A linguagem inclusiva não é passageira. Ela acompanha a evolução da sociedade. Pode parecer novidade agora, mas já está sendo incorporada em empresas, escolas, campanhas e políticas públicas. Não é só uma tendência de futuro, é um compromisso com o presente.

### **E se eu errar?**

Tudo bem. Errar faz parte do processo. O mais importante é estar aberto a aprender. Não precisa dominar todas as formas e pronomes de uma vez. O primeiro passo pode ser simples: se perguntar “será que o jeito como estou falando inclui todas as pessoas?”

### **A partir daí, já dá para começar.**

Porque incluir começa na forma como a gente se comunica.

E toda mudança começa com uma escolha. Que tal começar por aí?